

Observatório de Gênero, Raça e Territorialidades na Ciência

Marcelle Chagas 1¹

E-mail para contato: marcellechagas@id.uff.br

Resumo: A pesquisa desenvolvida pelo Observatório visa analisar a desinformação com o recorte territorial, de raça e gênero para a formulação de políticas públicas e a promoção de inovações científicas em diálogo com saberes sociais e os usos sociais das Ciências.

Palavras-chaves: Desinformação, inovações, divulgação científica

Introdução

O “Observatório de Gênero, Raça e Territorialidade na Ciência” é um hub de pesquisa e divulgação científica desenvolvido pelo CiteLab - Laboratório de inovação, Tecnologia e Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) com o objetivo de desenvolver pesquisas para a compreensão de regimes de autoridade e hábitos de consumo de informação e desinformação nas comunidades e periferias do Brasil. Os objetivos são apoiar a formulação de políticas públicas e a promoção de inovações científicas em diálogo com saberes sociais e os usos sociais das Ciências.

A pandemia de COVID-19 trouxe um novo contexto informacional antes nunca visto durante epidemias e pandemias anteriores. O comportamento da sociedade contemporânea mais conectado às tecnologias digitais foi potencializado ocasionando a chamada infodemia que a Organização Mundial da Saúde descreve como sendo o excesso de informação, umas verdadeiras e outras não, sobre um tema específico tornando difícil a obtenção de informações precisas. Ainda segundo a OMS, nessa situação surgem rumores e desinformação, além da manipulação de informações com intenção duvidosa com esse fenômeno sendo amplificado pelas redes sociais e se alastrando mais rapidamente, como um vírus.

De acordo com dados da pesquisa TIC Domicílios (Edição COVID-19) o Brasil tem 152 milhões de usuários de internet com o aumento de acesso nas áreas urbanas e rurais, em todas as regiões dos domicílios das classes C e DE. Diante de todo o cenário crítico de infodemia durante a pandemia e com a maior autoridade pública do país propagando informações contrárias às recomendações dos especialistas em saúde pública, o Brasil viu intensificar as desigualdades já existentes que em termos de saúde pública se tornam determinantes ambientais e sociais para a proliferação de doenças já conhecidas como dengue, zika, chikungunya e tuberculose, assim como a COVID-19.

A crise de confiança nas instituições epistêmicas (De Oliveira, 2020) foi agravada pela rápida divulgação das informações no âmbito digital, identificando que o impacto da desinformação poderia ser prejudicial (FALLIS, 2015), às favelas do Rio de Janeiro se mobilizaram no combate às informações falsas.

Análise do desenvolvimento do projeto

Ao longo dos anos a sociedade sofreu mudanças “na forma de se constituir regimes de autoridades, ao mesmo tempo em que podemos identificar situações semelhantes com regimes de credibilidade se configurando de maneira diferente”. (SACRAMENTO, 2018).

Instituições com conhecimentos legitimados pela sociedade como detentores do conhecimento que atuam na produção de saberes para a formulação de estratégias para mudanças sociais como a ciência e o jornalismo, que outrora detinham seu papel de respeito e prestígio, não são vistas como fontes produtoras da verdade atualmente.

Se na modernidade o regime de confiança era instituído a partir das autoridades científicas e Instituições,

1 Universidade Federal Fluminense

na contemporaneidade o regime de confiança se estabelece centrado nas próprias convicções e relevância pessoal e na autoridade experiencial sendo alguém próximo que tenha relatado ou testemunhado a situação que se espalha como “verdade” de forma rápida através da internet em grupos de mensagens e aplicativos como Facebook. Esse novo regime de verdade está relacionado a política neoliberalista que defende a presença do Estado mínimo com liberdade e independência entre os indivíduos de forma que cada um crie suas próprias verdades

O boletim socioepidemiológico “Covid nas favelas”, desenvolvido pela Fundação Oswaldo Cruz em parceria com movimentos sociais, apontou que o maior percentual de óbitos da COVID-19 é da população negra nos territórios periféricos (FIOCRUZ, 2020).

O estudo desenvolvido pelo GeRate tem por objetivo observar o fluxo de desinformação e hábitos de consumo de informação da população periférica através da metodologia qualitativa com um formulário de perguntas abertas e fechadas correspondentes ao perfil socioeconômico, modo de consumo de desinformação, modo de consumo de informação e autoridades epistêmicas que validam a informação. Na segunda etapa da pesquisa serão realizados grupos focais e perguntas temáticas sobre os mesmos eixos e com o aprofundamento de informações que chamaram a atenção no resultado do questionário.

A pesquisa ainda está em andamento em comunidades do Rio de Janeiro e apresenta dados relevantes sobre a circulação da informação e desinformação, com participantes apontando que o Whatsapp está entre as redes sociais de maior acesso e o LinkedIn entre o de menor acesso. Os dados também destacam que durante a pandemia o trabalho dos veículos comunitários foi muito importante para obtenção de informações sobre o Coronavírus e apontam que o grande volume de informações dificultou saber qual notícia sobre a COVID-19 era verdadeira ou falsa, o que pode ter afetado na obtenção de recomendações sobre prevenção da doença impactando no número de mortes em áreas vulneráveis.

Amá qualidade da internet também foi destacada como um fator prejudicial para a busca e confirmação de informações sobre saúde e ciência, confirmando os dados da pesquisa desenvolvida pelo Instituto Locomotiva que já indicava que a conexão instável da internet nas localidades aprofunda a desigualdade social já existente no país.

Considerações finais

Mesmo a pandemia provocada pela Covid-19 se tratando de um problema de saúde coletiva, os abismos sociais existentes se tornaram mais evidentes devido os impactos registrados durante o período reforçando o importante papel do processo de informação em saúde que expôs a relação de poder na linguagem que é a conjunção significativa da existência e é produzida pelo homem para domesticar a significação (ORLANDI, 2017). Essa relação de poder existente na linguagem se apresentou de forma mais contundente durante o período, principalmente pela disputa de informação e a autoridade pelo discurso qualificado.

Referências Bibliográficas

SACRAMENTO, Igor. A saúde numa sociedade de verdades. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, v. 12, n. 1, 2018.

Don. What is disinformation? Library Trends. v. 63, n. 3, 2015. p. 401-426. DOI:10.1353/lib.2015.0014 Acesso em: 01/10/2020

OLIVEIRA, Thaianie. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. Fronteiras-estudos midiáticos, v. 22, n. 1, p. 21-35, 2020.

PAHO. Factsheet InfoDEMIC. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14 >Acesso em: 23/08/20221

FIOCRUZ (Fundação Oswaldo Cruz). Boletim socioepidemiológico da COVID-19 nas favelas. Análise da frequência, incidência, mortalidade e letalidade por COVID-19 em favelas cariocas. n. 01, 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/boletim_socioepidemiologic_os_covid_nas_favelas_1.pdf>. Acesso em: 05/10/2020.

ESTADÃO. Conexão ruim e falta de acesso à internet ampliam desigualdade social. Disponível em: [Conexão ruim e falta de acesso à internet ampliam desigualdade social – Estadão Expresso \(estadao.com.br\)](#)> Acesso em: 30/05/2022

ORLANDI, Eni Puccinelli. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. Editora da UNICAMP, 2007.